



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA

YURI RENAN DA SILVA DOURADO

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA
EM CINCO REVISTAS NACIONAIS.

FORTALEZA
2017

YURI RENAN DA SILVA DOURADO

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA REVISÃO INTEGRATIVA
EM CINCO REVISTAS NACIONAIS.**

Trabalho de Conclusão de Curso II submetida à banca examinadora do Curso de Graduação em Educação Física do Instituto de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Educação Física - Licenciatura.

Orientador: Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D771g Dourado, Yuri Renan da Silva.
Gênero e sexualidade na educação física escolar : uma revisão integrativa em cinco revistas nacionais /
Yuri Renan da Silva Dourado. – 2017.
41 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação
Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Me. Marcos Antonio Almeida Campos.

1. Educação física. 2. Gênero. 3. Sexualidade. 4. Integrativa. I. Título.

CDD 790

FICHA DE APROVAÇÃO

YURI RENAN DA SILVA DOURADO

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA
REVISÃO INTEGRATIVA EM CINCO REVISTAS NACIONAIS**

APROVADO, em: 29 / novembro / 2017.

Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos – Orientador
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Profa. Ms. Luciana Maria da Silva Fernandes
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Prof. Dr. Francisco Silva Cavalcante Júnior
Instituto de Cultura e Arte - ICA.

Fortaleza – CE

2017

AGRADECIMENTOS

“Quando atingimos nosso ponto mais baixo é que estamos abertos para a maior mudança”

Aang: Avatar, a lenda de Aang.

Sem sombras de dúvida meu primeiro agradecimento vai para o **Divino Criador**, aquele que está sobre os meus caminhos.

Em sequência eu agradeço a minha mãe e meu pai, **Ivone e Renan**, que apesar de um constante choque de gerações, sempre respeitaram minhas decisões e trabalharam para o meu crescimento integral. Agradeço, também, aos anciões da minha família, **Maria José, Fernando e Adi**, por todo apoio. **Maria Rocha** sinto que a senhora não possa ter visto isso em vida.

Ao meu irmão **Icaro**, a quem agradeço por ter sido a minha maior fonte de inspiração para a vida acadêmica. Sinto não ter tido sua coragem, mas hoje compreendo porque não tive. A você também, **Isaias**, que ainda mantêm a inocência de uma criança e nela eu fortaleço minhas certezas.

Atento o meu amor e gratidão para **Adrienne**, que não só me fortaleceu durante essa intensa produção, como não me deixou faltar esperanças e amor em um ano tão complicado. Muito obrigado por todo esse respeito que criamos.

Gostaria de anunciar minha eterna gratidão para os três professores, em sequência: **Cavalcante Junior, Marcos Campos e Luciana Maria**. O primeiro me expandiu a cabeça para além dos horizontes que havia vivido, o segundo não deixou que minha mente retrocedesse para o conforto do antigo horizonte e a terceira personificou o que é a figura do amor.

Minhas atenções para **Saulo e Liz**, meus primeiros amigos da graduação. **Pedro Lucas**, um amigo para além dos colegas de trabalho. **Herbert**, no qual espelho meus anseios para o mundo. **Patrick**, sem os resumos que você escrevia tudo teria sido mais difícil. **Yuri Oliveira**, entre tapas e abraços nossa amizade se fortalece. **Valmont, Afonso e Edvardo**, o humor de vocês tornou mais fácil suportar essa graduação. **Leticia e Samuel**, eu sobrevivi.

PenyLanne gostaria que você estivesse aqui para assistir tudo isso comigo. Obrigado **Frida, Amorie** todos os seres vivos que me acolhem.

“Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apóie em seu próprio entendimento; Reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas.”

Provérbios 3:5,6

"A mente verdadeira pode superar todas as mentiras e ilusões sem se perder. O coração verdadeiro pode lidar com o veneno do ódio sem sofrer danos. Desde tempos imemoriais, as trevas vicejam no vazio, mas sempre se rendem à luz purificadora".

Tartaruga Leão:Avatar, a Lenda de Aang.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1 - ILUSTRAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS PARA REALIZAÇÃO DE UMA REVISÃO INTEGRATIVA	23
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CRITÉRIOS UTILIZADOS:.....	24
TABELA 2 – CONTEÚDOS EXTRAÍDOS:	25
TABELA 3 – ARTIGOS SELECIONADOS:.....	28
TABELA 4 – QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES POR ANO:.....	30
TABELA 5 - METODOLOGIA UTILIZADA NOS ARTIGOS:	33

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	14
3. REFERENCIAL TEORICO.....	15
3.1 Gênero e Sexualidade.....	15
3.2 Educação Física Escolar e sua relação com o Gênero e a Sexualidade	18
4. METODOLOGIA	22
4.1 Tipo da pesquisa	22
4.2 Procedimentos metodológicos	22
5. COLETA DE DADOS.....	28
5.1 Resultado da coleta de dados.....	28
6. ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS	30
6.1 Ano de publicação.....	31
6.2 Titulação e origem do autor do trabalho.....	31
6.3 Caráter da pesquisa.....	32
6.4 População e Público Alvo.....	33
6.5 O que é discutido na pesquisa?	34
6.6 Principais resultados e discussões	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Os percursos que tomei em minha vida, que foram partes determinantes para que me interessasse pela área de gênero e sexualidade, modificaram e construíram totalmente a minha forma de enxergar e pensar sobre as relações na sociedade. Até o ano de 2012, final do meu ensino médio, época de prestar os vestibulares e o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), eu era um adolescente homofóbico, fruto de uma reprodução constante de discursos sociais que eram fortes no meu entorno. Simplesmente não entendia a diversidade das expressões humanas e suas formas de reconhecer-se e dar significado a si. Estava totalmente voltado para um discurso conservador oriundo das correntes biológicas e deterministas que, até hoje, ainda estão enraizadas na sociedade.

Minha postura era agressiva para com as pessoas que tinham um comportamento diferente do meu. Lembro que ainda no segundo ano do ensino médio me posicionei contra o caderno “Escola Sem Homofobia”, batizado por muitos como “kit-gay”. Minha forma de mostrar repúdio era falar mal sobre ele nos corredores da escola, sem nunca ter aberto o arquivo para ler e entender do que se tratava. Movido apenas pela reprodução de uma indignação por existir algo sobre homossexuais na escola, que talvez fosse um sentimento que nem compreendesse.

Porém, no ano de 2013, adentrei ao nível superior e ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física, no Instituto de Educação Física e Esportes da UFC. O imenso choque cultural causou um embate em minha postura e forma de pensar. As primeiras pessoas com que me relatei na Universidade eram homossexuais. Será que a imagem que me ensinaram dos gays estava correta? Durante esse mesmo ano passei por diversos projetos da faculdade, onde inclusive recebi um convite para dançar Ballet em uma escola de dança fora da universidade, o que foi um grande choque para todos os que eram próximos de mim, afinal de contas até o momento eu era conhecido por ser um praticante de artes marciais e dançar não fazia parte do comportamento de um “lutador”. Por algum motivo eu aceitei o convite e me tornei bailarino, essa escolha fez com que muitas pessoas se afastassem de mim, começassem a me criticar e logo comecei a sofrer retaliações via redes sociais, na internet. Então eu havia me tornado gay por começar a dançar?

Foi apenas na segunda metade do semestre 2013.2 que me deparei com uma realidade totalmente diferente do meio militarizado, de algumas artes marciais as quais eu pratiquei

desde criança, foi quando entrei para o NISE (Núcleo de Integração Somaestética) coordenado pelo Professor Doutor Francisco Silva Cavalcante Junior, que havia me convidado após uma conversa que tinha tido com ele. A proposta do convite era me inserir em um espaço onde pudesse compreender mais as aflições e confusões que meu corpo estava sentindo naquele momento. Nesse período comecei a refletir com mais atenção a respeito do que pensava sobre os limites para as expressões do corpo, que neste momento era o nó que estava preso em minha garganta. Porém, em 2014, essa caminhada foi interrompida quando cursei Serviço Militar obrigatório. Eu havia me colocado como voluntário para servir o Exército logo após começar a dançar, pois precisava mostrar para todos que era “homem”.

Apesar de ter sido um ano com aprendizagens válidas para a minha vida, foi um momento muito delicado e complicado, pois conviver com outros dezenove jovens, da minha idade, que reproduziam um discurso machista e homofóbico, o qual eu não me identificava mais, tornou 2014 um fardo a ser suportado. Tive que suportar, em silêncio, muitos comentários sobre ter sido “bailarino”, e para me provar ser além do estereótipo de frágil, tive que ser um dos melhores atletas do meu grupamento.

Ainda neste ano recebi um convite do Prof. Marcos Campos para dançar no OréAnacã. Já era a segunda vez que havia recebido esse convite, pois, ainda em 2013, coordenador do grupo, havia me chamado após ter visto uma apresentação de dança que havia feito. Apesar de não ter aceito o convite ainda no ano que estava no Exército, por ter tido medo de sofrer algum tipo de retaliação, foi a primeira decisão que tomei em 2015 quando retornei para os meus estudos de graduação.

Foi em 2015 que todas as aflições que me seguiam sobre a homofobia tomaram novos rumos. No grupo, pela primeira vez eu era a minoria, a grande maioria dos dançarinos eram homossexuais e apesar de achar que iria sofrer algum tipo de opressão por ser um dos poucos heterossexuais, pelo contrário fui recebido como parte do grupo, sem as diferenças que até então acreditava existir. Pude então compreender que havia um mundo além da redoma que me cercava e que eu havia sofrido com o próprio discurso que alimentava. Entrar no Oré Anacã foi decisivo para que, finalmente, mudasse minha visão sobre as temáticas de gênero e sexualidade. Foi nesse momento que as correntes que me prendiam ao pensamento determinista biológico foram quebradas.

Toda essa minha caminhada me tornou sensível aos estudos sobre a sexualidade humana e o gênero, e criou um sentimento, uma necessidade, de contribuir com as pessoas que me fizeram ultrapassar e transgredir aquela velha visão impregnada na sociedade. Hoje sou professor do programa TransPassando, que é um curso pré-vestibular ofertado pela

Universidade Estadual do Ceará (UECE), que é totalmente voltado para transexuais, de forma a viabilizar a aproximação com os conteúdos escolares voltados para as provas de vestibulares e ENEM, com o intuito de combater à evasão e falta de acesso da comunidade transexual nos ambientes de ensino superior.

A forma que escolhi de contribuir para que outras pessoas possam superar esses pensamentos preconceituosos, às quais já fui preso, foi pesquisar e aprofundar os estudos sobre a temática, pois acredito que ao ser ofertado e produzido mais conhecimentos acerca do tema, podemos tentar construir uma sociedade onde diminua o pensamento homofóbico, alimentado por uma repulsa e ódio social, que um dia já reproduzi.

O gênero e a sexualidade têm se tornado um assunto emergente não só no cenário social e político, mas também nos campos de pesquisas científicas. Autores como Louro (2000), Franco (2016), Machado e Pires (2016), Leite, Feijó e Chies (2016) ressaltam que o gênero deve ser utilizado para realizar as distinções sociais entre os sexos que foram construídas ao longo da história das sociedades, não devendo reduzir o termo a respostas que envolvem apenas variáveis biológicas. Também é ressaltada a importância de enxergar a sexualidade humana não mais como um caminho dotado de uma regra normativa, como se houvesse um padrão para que o ser humano pudesse vivenciar sua sexualidade, e sim como um reconhecimento das várias expressões identitárias das pessoas como parte do desenvolvimento como indivíduo. Assim, pode-se ofertar uma leitura mais plural das possibilidades de representação e expressão do ser humano.

Foi na busca por compreender como esses mecanismos de expressão e identificação do ser humano são construídos e identificados que resolvi realizar essa pesquisa. Porém não foi apenas o tema de forma concreta que me chamou atenção, mas também o embate com a oposição, ou seja, como essas possibilidades de leitura do ser humano estão confrontando o pensamento biológico determinista.

Acredita-se que muitos fatores são responsáveis pela imposição dessa visão determinista, porém acredito que a escola se torna uma instituição de destaque no que tange à manutenção desse tipo de pensamento. Segundo Franco (2016), a escola, por ser uma representação de instituição social, contribui para manutenção dos diversos conhecimentos que formam a sociedade na qual está inserida.

Desse modo, a educação física, área que trabalha com a experimentação e vivência dos conhecimentos do corpo, que está inserida como componente curricular obrigatório no Brasil, possui esse potencial para contribuir com a manutenção de pensamentos instaurados no cotidiano da sociedade ou pode posicionar-se de forma a buscar um maior reconhecimento da

diversidade de expressões e atitudes transgredir a norma social, possibilitando um ambiente com equiparação nas possibilidades expressivas das pessoas.

Uma das formas de enxergar como é realizado o cruzamento dos temas educação física escolar, gênero e a sexualidade é por meio das publicações em periódicos e revistas. Com esse artifício é possível fazer um reconhecimento nos âmbitos nacional e internacional das principais pesquisas sobre uma temática. As revistas científicas são um importante instrumento de atualização dos saberes e conhecimentos, pois é através delas que os profissionais, pesquisadores, cientistas, entre outros, têm acesso ao que tem sido pesquisado e publicado sobre um determinado assunto. É por meio das revistas que temos acesso aos artigos que muitas vezes podem modificar nossos olhares para uma determinada intervenção.

O objetivo desse estudo é realizar uma revisão de literatura em cinco revistas nacionais de educação física, com o intuito de identificar como é realizada a relação entre educação física escolar, gênero e sexualidade.

O estudo utilizou o sistema de metodologia da Revisão Integrativa. De acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008) esse tipo de trabalho tem o objetivo de sistematizar os principais conhecimentos, resultados e conclusões de artigos sobre um determinado assunto com o intuito de aproximar o leitor do conhecimento e realizar algum progresso científico sobre a temática pesquisada.

Espero que com esse estudo seja possível encontrar alguma possibilidade de melhoria para as leituras que a educação física escolar anda fazendo sobre o gênero e a sexualidade, como forma de contribuição científica e social. Acredito que possam surgir propostas para novos estudos além de uma identificação de áreas sensíveis e populações envolvidas com a temática.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Realizar uma revisão do quadro das produções científicas a respeito do gênero e da sexualidade na educação física escolar.

Objetivos Específicos

- Pesquisar artigos publicados em cinco revistas nacionais da área de educação física.
- Analisar quais os principais tópicos que estão pautando as pesquisas e estudos sobre gênero e sexualidade na educação física escolar.
- Identificar áreas sensíveis na temática e propostas de atuação para o profissional de educação física na escola.

3. REFERENCIAL TEORICO

3.1 Gênero e Sexualidade

As discussões sobre gênero e sexualidade possibilitam novos olhares sobre as relações humanas e muitas vezes transgridem conceitos e padrões normativos da sociedade que tendem a silenciar algumas das expressões identitárias dos indivíduos. Analisar o gênero como um constructo baseado nas relações de poder presentes na sociedade e não reduzir apenas ao binarismo biológico, é compreender as relações históricas e sociais que selecionam e estabelecem esse tipo de construção. De acordo com Machado e Pires (2016):

Encarar o gênero não mais do ponto de vista biológico, mas dotado de significado social, constituído e definido a partir das relações sociais, é caminhar no sentido de compreender as relações de poder que historicamente se estabeleceram e que, ainda hoje, se estabelecem. (MACHADO; PIRES, 2016, p 361)

O gênero e a sexualidade são construídos à medida que o contexto cultural emerge no corpo, de forma a permitir um reconhecimento do indivíduo com o comportamento de uma certa identidade e, possivelmente, um pertencimento. A pluralidade de linguagens do corpo permite inúmeras possibilidades de manifestações para esse reconhecimento e diversas formas de expressar-se publicamente ou internamente: através de desejos, gestos, acessórios, prazeres e etc. De acordo com Louro (2000) são as relações sociais que compõem e dão forma às identidades de gênero e sexuais, pois são construídas pela rede de poder presente na sociedade.

Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. (LOURO, 2000, p 6)

Enxergar o gênero como um objeto de construção social é uma discussão relativamente nova. Antes do século XX o gênero não era uma possibilidade de distinção entre a espécie humana. Scott (1995) relata que os antigos dicionários e pesquisadores de área de letras e linguística identificavam o termo “gênero” como algo que não servia para identificar masculino e feminino, tal utilização era vista como um equívoco ou um trocadilho

literário. Foram as feministas americanas que começaram a utilizar essa nomenclatura na forma como conhecemos hoje. Elas propuseram o estudo das relações e distinções sociais que fundamentavam a divisão dos papéis esperados e/ou adequados para cada sexo e, assim, identificar os dispositivos que selecionavam historicamente o que deveria ser masculino e feminino.

Novas possibilidades sobre o gênero começam a ganhar espaço e, cada vez mais, se contrapõem as definições que usam apenas os indicadores biológicos como denominadores para argumentação. Scott (1995) ressalta que o novo olhar sobre a questão do gênero rejeita resoluções simplistas e pontuais que subordinam, por exemplo, o papel feminino com base nos fatos de que a mulher pode dar à luz e o homem possui um nível de força muscular maior. Olhar para o gênero não mais como uma divisão puramente binária e sim como um mecanismo de estudo dos fatores sociais e culturais que dão significado para aquele comportamento, é possibilitar e respeitar uma identificação do ser humano com a cultura que o envolve e como ela marca e molda o seu corpo. Segundo Goellner (2003), conforme citado por Franco (2016, p 361): *“um corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno”*. A discussão levantou a possibilidade de enxergar o corpo não apenas como objeto biológico, mas como um elemento que se constitui de forma interna e externa, com o intuito de contemplar características socioculturais e suas interações com o corpo, pois é mediante deste que o indivíduo opera na sociedade. Sob essa concepção as pessoas não são reconhecidas, observadas ou estudadas não apenas com os fundamentos da sua estrutura biológica, mas também por todos os adereços e adornos que cercam e dão forma ao seu corpo.

A sexualidade e o sexo desenvolvem novas definições e significados com o avançar dos estudos na área. Superam as explicações que eram oriundas das correntes que estudavam a temática apenas sob ótica inatista no qual a sexualidade é analisada de forma unilateral e inerente ao homem, como se houvesse uma concepção de sexualidade universal que fosse inata a ele. Começam a surgir concepções que analisam as duas categorias como elementos que podem ser interpretados com base na significação social e cultural que os indivíduos estão inseridos. Autores como Louro (1997), Weeks (2000), Machado e Pires (2016) reiteram sobre a existência de uma espécie de jogo de poder onde os elementos culturais competem para fixar um significado para as expressões sexuais. Essa competição define qual o padrão dos comportamentos e significados sexuais estão dentro da “normalidade” da sociedade em questão e, assim, marginalizam outras possibilidades de expressões e significados; porém, por mais que exista, por meio das relações de poder, um padrão esperado para essa

“normalidade”, não é possível apagar ou anular totalmente a imagem social característica de uma outra forma de expressar-se sexualmente.

Talvez uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos "contendores" é, por antecipação e para sempre, o vencedor. Isso não significa, no entanto, desprezar o fato de que as mulheres (e também os homens que não compartilham da masculinidade hegemônica) tenham, mais freqüente e fortemente, sofrido manobras de poder que os constituem como *o outro*, geralmente subordinado ou submetido — mas tais manobras não as/os anularam como sujeitos. (LOURO, 1997, p 40)

O reconhecimento de outros caminhos para a compreensão das relações humanas proporciona uma visão mais inclusiva dos papéis e das identidades dos indivíduos na sociedade. Uma das possibilidades dessa expansão da ciência é o reconhecimento das diversas possibilidades que sexualidade humana usa para se expressar e expor suas linguagens. A heterossexualidade perde a conotação de “único caminho” ou de característica inata ao ser humano. Segundo Weeks (2000) a institucionalização da heterossexualidade é constituída com base no processo de negação da homossexualidade, ou seja, a necessidade de classificar o homossexual como um indivíduo “anormal” forçou uma maior rigorosidade em definir os “comportamentos heterossexuais”.

O desenvolvimento desses termos deve ser visto, por conseguinte, como parte de um grande esforço, no final do século XIX e começo do XX, para definir mais estreitamente os tipos e as formas do comportamento e da identidade sexuais; e é nesse esforço que a homossexualidade e a heterossexualidade se tornaram termos cruciais e opostos. Durante esse processo, entretanto, as implicações das palavras mudaram de forma sutil. A homossexualidade, ao invés de descrever uma variante benigna da normalidade, como, originalmente, pretendia Kertbeny, tornou-se, nas mãos de sexólogos pioneiros como Krafft-Ebing, uma descrição médico-moral. A heterossexualidade, por outro lado, como um termo para descrever a norma até então pouco teorizada, passou, lentamente, a ser usada ao longo do século XX — mais lentamente, devemos notar, do que a palavra que era seu par. (Weeks, 2000, p 44)

O gênero, então, é lido como um artefato de estudo e compreensão dos diversos significados construídos socialmente, e que são selecionados pela cultura local, ao longo da história, que ocasiona a distinção dos papéis humanos que são interpelados pela rede de poder e determinam o que é socialmente aceito para cada uma das identidades de gênero. A

sexualidade é tida como um conjunto de comportamentos e expressões que ganham significados socialmente na medida que desenvolvem e distinguem os indivíduos sob a ótica de seus interesses e prazeres sociais e que, esse conceito, ultrapassa a concepção puramente biológica oriunda de uma corrente determinista. É importante ressaltar que as identidades de gênero e/ou sexuais não estão distantes uma da outra e que junto das identidades de classe, raça e etc, contribuem para a formação social do indivíduo.

É na construção de um conjunto de identidades que uma pessoa forma seu posicionamento na sociedade e estrutura sua forma de agir com base na identificação com as ações e comportamentos do grupo social a qual se inseriu. Porém, existe uma ressalva sobre o reconhecimento de um indivíduo com as identidades sociais. Como afirma Louro (2000, p 6): “essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes”. Ou seja, não existe uma norma fixa para a adesão desses posicionamentos sociais, pois um indivíduo pode transitar ou possuir várias formas de posicionar-se ao longo da sua vida. Acredita-se na diversidade de expressões dentre as múltiplas identidades sociais para os indivíduos.

Desse modo, a concepção utilizada para a compreensão da discussão de gênero e sexualidade pode contribuir para um avanço no respeito às pluralidades ou apenas intensificar a manutenção de um discurso social ainda vigente, oriundo de correntes ultrapassadas, que causam a represália, marginalizam e segregam todos aqueles indivíduos, que por alguma característica individual, estão fora do padrão estabelecido nessas correntes em questão. Segundo Macho e Pires (2016) a postura que é tomada nesse tipo de contexto pode colaborar para reforçar ou quebrar valores, assim pode contribuir para manutenção ou até ultrapassar e transgredir concepções repressoras.

3.2 Educação Física Escolar e sua relação com o Gênero e a Sexualidade

A escola é um espaço de educação formal e na medida em que ensina conhecimentos didáticos e técnicos, também colabora com a educação social e cultural de atributos desejados da comunidade que está inserida. De acordo com Machado e Pires (2016), a escola é uma instituição de construção de valores e significados culturais, e que as exposições a esses elementos dão assistência na construção e formação identitária do indivíduo. O jovem

também aprende a identificar e como lidar com as diferenças e semelhanças dentro da instituição e esse conhecimento pode ser transferido para o dia a dia além da escola.

A educação física está inserida como disciplina curricular obrigatória da educação básica no Brasil, ou seja, é conteúdo obrigatório a ser vivenciado e experimentado pelo aluno brasileiro. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a educação física escolar busca transmitir conhecimentos culturais do movimento humano, compreensões biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras, com o intuito de contribuir para a formação de um indivíduo que possa ter uma desenvoltura ativa na sociedade, que possua atributos que o ajudem a atuar criticamente quanto cidadão e, que com autonomia, busque melhoria de saúde e qualidade de vida.

Segundo Larossa (1994), como visto em Altmann (2001), as práticas pedagógicas possibilitam um ambiente de reconhecimento do indivíduo com o meio e com ele mesmo, através da experiência. Sendo assim, a experimentação enriquece as vivências do sujeito com os múltiplos discursos inseridos na sociedade a partir do contato com outras pessoas e consigo mesmo. Portanto, a prática constrói um momento de reflexão sobre as interações do aluno com o meio e o reconhecimento com o seu próprio posicionamento subjetivo enquanto um “ser” social/cidadão.

Contudo, a riqueza das possibilidades para uma intervenção que realiza a reflexão prática na educação física escolar deve sempre considerar e reconhecer a diversidade e a heterogeneidade do grupo de alunos, de forma a respeitar as diferenças e individualidades de cada um que compõe a turma. Esse reconhecimento das possibilidades deve abrir espaço para a inclusão das características individuais de cada pessoa e suas respectivas formas de comunicação e expressão. Nesse contexto é possível gerar um ambiente apropriado para a leitura e desenvolvimento de múltiplas culturas e identidades sociais, sejam de: gênero, sexuais, raça e etc.

Portanto, a prática não pode ser realizada de forma alheia à realidade dos alunos. De acordo com Chereguini (2016), para gerar um ambiente inclusivo deve-se reconhecer a diversidade das potencialidades de cada indivíduo para construir e realizar uma intervenção, em vez de buscar apenas integrar com o intuito de realizar uma máxima adequação da pessoa a algum tipo de norma vigente. Ou seja, a aula deve ser pensada sob a perspectiva de incluir todos os alunos e não apenas em um indivíduo “padrão” adequado a norma. Segundo Louro (2000, p 9), “a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não

precisamais ser nomeada.”. Mesmo sem ser mencionado é para esse tipo de indivíduo que, comumente, as aulas são planejadas, pois as instituições de ensino, como a escola, constituem parte fundamental da sociedade e por isso possuem um evidente papel político. Sendo assim “as identidades de gênero e sexuais são construídas socialmente, e concebemos a escola como um espaço que contribui para esse processo formativo. Contudo, sabemos do caráter político que a escola possui e como serviu/serve para veiculação de valores dominantes” (MACHADO e PIRES, 2016 , p 362). É na escola que o jovem é condicionado fisicamente e intelectualmente a exercer comportamentos que a sociedade aprova, muitas vezes, quem não se adequa a essa norma pode sofrer algum tipo de segregação.

Desse modo, a educação física escolar possui uma grande responsabilidade na formação e reconhecimento do indivíduo quanto às suas possibilidades corporais não apenas nas competências esportivas ou motoras, mas também em critérios individuais e sociais, justamente por ser um ambiente de experimentação do corpo, onde os jovens podem experimentar o contato consigo mesmo (intrínseco) e com o outro (extrínseco). A importância fica mais evidente quando é considerado que no ambiente da educação física existe uma maior liberdade para as múltiplas possibilidades que o corpo do aluno pode utilizar para se expressar, por não haver as limitações estruturais que podem acontecer na sala de aula típica, que em alguns casos acarretam em um possível silenciamento do corpo. Louro (2000) ressalta que esse reconhecimento que a escola proporciona é parte do processo que desenvolve a identificação e aproximação de determinadas identidades que o sujeito vai assumir para se posicionar na sociedade.

Por isso, possivelmente, as marcas permanentes que atribuímos às escolas não se refletem nos conteúdos programáticos que elas possam nos ter apresentado mas sim se referem a situações do dia-a-dia, a experiências comuns ou extraordinárias que vivemos no seu interior, com colegas, com professoras e professores. As marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual. (LOURO, 2000, p 11)

As leituras sobre sexualidade e gênero tiveram seus horizontes expandidos e enriquecidos após a inserção da temática Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), pois passou a ser cobrado que houvesse algum tipo de proposta educativa para as temáticas que antes não possuíam grandes perspectivas pedagógicas escolares, existia uma falta de controle de como esse conteúdo poderia ser abordado. Segundo Altmann (2001,

p 580), o “trabalho de orientação sexual deve, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação, por meio de temas trasversais nas diferentes áreas do currículo, e como extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema”. Então surge o desafio para os professores, não só de educação física, mas de todas as áreas do conhecimento contempladas na escola, conseguir abordar esses assuntos. O documento possui uma visão mais biológica, bastante voltada para conceitos epidemiológicos de IST’s (Infecções sexualmente transmissíveis), desenvolvimento do corpo e, também, as propostas a respeito da discussão sobre o ato sexual, porém também abre possibilidades para o debate e a visibilidade sobre a sexualidade, por permear o contexto de construção dos valores sexuais da comunidade que os alunos estão inseridos.

Desse modo, baseado nas evidências apresentadas, a educação física escolar possui um papel importante na vivência e leitura dos alunos a respeito do reconhecimento das identidades de gênero e sexuais, a partir da reflexão sobre a experimentação do corpo.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo da pesquisa

Com o intuito de realizar uma análise do panorama científico que contemple as pesquisas da educação física escolar sobre gênero e sexualidade esse trabalho teve o caráter de uma pesquisa de Revisão Integrativa. Segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008, p 760), “esse método tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado”.

Os estudos de revisão possibilitam uma maior acessibilidade ao conhecimento para o leitor, por realizar uma aproximação dos principais detalhes e resultados das pesquisas que foram publicadas em um intervalo de tempo determinado.

De acordo com Roman e Friedlander (1998), a utilização desse tipo de método para pesquisa exige um grau de responsabilidade do pesquisador com as definições teóricas tomadas como base da pesquisa, pois elas devem possibilitar a interpretação de vários tipos de hipóteses e respostas a serem encontradas na revisão.

Pesquisadores como Mendes, Silveira e Galvão (2008) e Roman e Friedlander (1998), ressaltam a importância de tornar bem definidas as etapas da pesquisa, desde a seleção da questão/hipótese até os resultados e a elaboração de uma discussão válida para o campo a ser contemplado com a pesquisa.

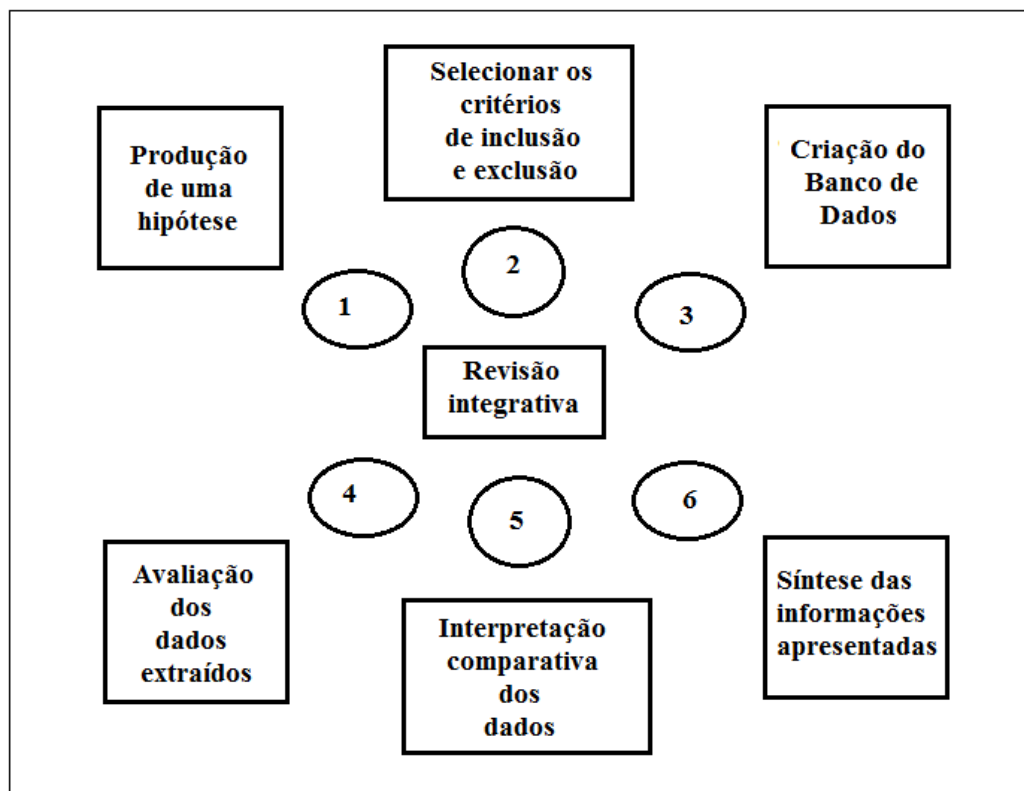
O processo de elaboração da revisão integrativa encontra-se bem definido na literatura; entretanto, diferentes autores adotam formas distintas de subdivisão de tal processo, com pequenas modificações. No geral, para a construção da revisão integrativa é preciso percorrer seis etapas distintas, similares aos estágios de desenvolvimento de pesquisa convencional. (MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008, P 760)

4.2 Procedimentos metodológicos

Para que se torne mais compreensível a execução de cada etapa da pesquisa, será colocada uma definição para cada parte constituinte da mesma. Os procedimentos referentes

à sistematização da Revisão Integrativa serão orientadas pelo trabalho de Mendes, Silveira e Galvão (2008) e organizados em tópicos para que se torna mais fácil a compreensão de cada momento da pesquisa.

Figura 1 - Ilustração dos procedimentos para realização de uma revisão integrativa



Fonte: Elaborado pelo autor.

- Primeira Etapa: identificação do tema e seleção da hipótese ou questão de pesquisa para a elaboração da revisão integrativa.

De acordo com Roman e Friedlander, (1998), os pesquisadores consideram esta primeira etapa como um dos momentos mais criteriosos e importantes da pesquisa, pois esse momento inicial norteia todo o andamento da pesquisa.

Nessa primeira etapa o pesquisador deve considerar qual questão ele está interessado em investigar. Assim, o “processo de elaboração da revisão integrativa se inicia com a definição de um problema e a formulação de uma hipótese ou questão de pesquisa que apresente relevância”.(MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008, p 761).

O intuito desse trabalho é realizar uma leitura do que a educação física escolar tem gerado de publicações sobre gênero e sexualidade para conseguir compreender como está o entrecruzamento dessas áreas.

- Segunda Etapa: estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos/ amostragem ou busca na literatura

Essa etapa da pesquisa consiste na criação ou escolha dos critérios mais apropriados para selecionar se os artigos encontrados estão aptos ou não para serem discutidos e apresentados na revisão por parte do pesquisador. Esse momento deve ser transparente e rígido. Ou seja, esse “procedimento de inclusão e exclusão de artigos deve ser conduzido de maneira criteriosa e transparente, uma vez que a representatividade da amostra é um indicador da profundidade, qualidade e confiabilidade das conclusões finais da revisão” (MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008, p 762).

Os critérios de inclusão marcam aqueles artigos que estão aptos a fazerem parte da pesquisa e os critérios de exclusão definem os trabalhos que não podem fazer parte da revisão. Assim é possível definir com clareza qual o universo de trabalhos a serem contemplados na revisão. O autor deve tornar acessível para o leitor qual foram os critérios utilizados para selecionar os artigos que serão estudados e analisados na pesquisa. (MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008)

Tabela 1 – Critérios utilizados:

Critérios de Inclusão	Ser um trabalho sobre Educação Física Escolar, Gênero e Sexualidade.
	Ser um artigo publicado nas revistas: Motrivivência, Movimento, Pensar a Prática, Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Paulista de Educação Física.
	Ter sido publicado nos últimos dez anos (2017 – 2007).
Critérios de	Utilizar a nomenclatura “gênero” para dividir atributos puramente

Exclusão	biológicos.
-----------------	-------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

O intervalo de tempo de dez anos foi escolhido por um recorte intencional, que visa revelar os trabalhos mais atuais que realizam esse entrecruzamento a cerca do gênero e da sexualidade dentro da literatura científica da educação física escolar, de forma a ser possível estudar o que há de mais recente.

As cinco revistas foram escolhidas por possuírem um montante elevado de publicações anuais o que aumentaria a chance de ter mais artigos sobre gênero e sexualidade, além do fato de serem revistas específicas da educação física e de grande visibilidade no país.

Um artigo que contenha um critério de exclusão, mesmo que esteja dentro de todos os critérios de inclusão, automaticamente está excluído da pesquisa, pois não se encontra plenamente dentro do universo a ser pesquisado. Ou seja, estar nos critérios de inclusão, por si só, não garante estar dentro do grupo de artigos que farão parte da pesquisa. Por exemplo: um artigo pode ser sobre educação física, gênero e sexualidade, ter sido publicado em uma das cinco revistas apresentadas na tabela, estar no intervalo de tempo correto, dessa forma esse trabalho está contido em todos os critérios de inclusão, porém se ele fizer uma utilização puramente biológica do termo “gênero”, ele será excluído da pesquisa.

- Terceira Etapa: definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos

Esse momento da pesquisa exige objetividade do revisor, pois é onde é definido quais temas serão debatidos na pesquisa. É onde será dividido quais os tópicos a serem extraídos da pesquisa para produção da discussão final. Assim, o “revisor tem como objetivo nesta etapa, organizar e sumarizar as informações de maneira concisa, formando um banco de dados de fácil acesso e manejo” (MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008, p 762).

Essa etapa precisa ser realizada com cautela, pois a escolha dos conteúdos a serem extraídos resultam na eficácia com que a discussão final vai contemplar os objetivos do estudo.

Tabela 2 – Conteúdos extraídos:

Informações a serem extraídas. (Banco de dados)	Ano de publicação
	Titulação e origem do autor do trabalho
	Caráter da pesquisa
	População e público alvo
	O que é discutido na pesquisa
	Principais resultados e conclusões

Fonte: Elaborado pelo autor.

- Quarta Etapa: avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa

Esse momento da pesquisa é bastante parecido com a “análise dos dados” das pesquisas mais comumente realizadas. O revisor deve dividir e analisar de forma a procurar as justificativas para os dados extraídos. Configura-se, então, como “uma tarefa árdua do revisor que deve procurar avaliar os resultados de maneira imparcial, buscando explicações em cada estudo para as variações nos resultados encontrados. [...]A conclusão desta etapa pode gerar mudanças nas recomendações para a prática” (MENDES, SILVEIRA E GALVÃO, 2008, p 762).

- Quinta Etapa: interpretação dos resultados

Esse é um dos pontos conclusivos da pesquisa. É o momento no qual o revisor deve considerar as informações extraídas dos artigos e fazer uma comparação com o referencial teórico no qual o estudo foi realizado, de forma comparativa e conclusiva. Fazer uma leitura dos dados com base no conhecimento teórico.

Esta etapa corresponde à fase de discussão dos principais resultados na pesquisa convencional. O revisor fundamentado nos resultados da avaliação crítica dos estudos incluídos realiza a comparação com o conhecimento teórico, a identificação de conclusões e implicações resultantes da revisão integrativa. (MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008, p 762).

- Sexta Etapa: apresentação da revisão/síntese do conhecimento

Essa é a última etapa, e é o momento conclusivo do trabalho, pois dá a forma final para a leitura do objetivo da revisão e o motivo pela qual é realizada. Essa instância deve ter a forma de documento que sintetize tudo que foi discutido, ou seja, é conclusão, propriamente dita, do trabalho. Nesse momento deve ser produzida uma síntese de tudo que foi discutido que apresente: áreas sensíveis, possibilidades de leituras e atuação sobre a temática.

Esta etapa consiste na elaboração do documento que deve contemplar a descrição das etapas percorridas pelo revisor e os principais resultados evidenciados da análise dos artigos incluídos. É um trabalho de extrema importância já que produz impacto devido ao acúmulo do conhecimento existente sobre a temática pesquisada. (MENDES, SILEIRA E GALVÃO, 2008, p 763).

5. COLETA DE DADOS

5.1 Resultado da coleta de dados

A coleta de dados aconteceu durante o mês de julho de 2017, onde foi investigado um universo de aproximadamente dois mil seiscentos e setenta e três (2.673) artigos que foram publicados regularmente nas cinco revistas nacionais de educação física escolhidas para a pesquisa, essas foram: *Motrivivência*, *Movimento*, *Pensar a Prática*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* e a *Revista Brasileira de Educação Física*. Dentro do montante de trabalhos investigados, dezesseis (16) foram pré-selecionados, mas apenas onze (11) artigos ficaram dentro dos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

O motivo que levou cinco (5) dos dezesseis (16) artigos encontrados a não participarem da pesquisa foi que, apesar de tratar sobre gênero e sexualidade na educação física escolar, o referencial teórico a qual as pesquisas se apropriam realiza uma leitura, apenas, biológica sobre a questão do gênero.

Os autores, título, revista, localidade, informações e ano de publicação, estão dispostos na tabela abaixo no formato de referência bibliográfica.

Tabela 3 – Artigos selecionados:

Artigos Selecionados
ALTMANN, HELENA; MARIANO, M; UCHOGA, L, A, R. CORPO E MOVIMENTO: PRODUZINDO DIFERENÇAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. <i>Pensar a Prática</i> , Goiânia, v. 15, n. 2, p. 272550, abr./jun. 2012
AQUINO, J, M; BARUK, V, L; RIBAS, M, R; NOAL, M, L. homoafetividade nas Aulas de educação Física: e agora? <i>Motrivivência</i> , Ano xx, Nº 30, P. 61-75 Jun./2008
FRANCO, Neil. A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO TERRITÓRIO DE DEMARCAÇÃO DOS GÊNEROS POSSÍVEIS: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. <i>Motrivivência</i> , V. 28, nº 47, maio/2016
JAEGER, A, A; <i>BULLYING</i> E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NA ESCOLA. <i>Movimento</i> , Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 349-361, abr./jun. de 2015
LEITE, L, G; FEIJÓ, J, P; CHIÉS, P, V. QUAL O GÊNERO DO <i>BRINCAR</i> ? Aprendendo

a ser “menino” ... Aprendendo a ser “menina”. Motrivivência v. 28, n. 47, p. 210-225, maio/2016
MACHADO, A, G; PIRES, R, G. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de educação física. Motrivivência v. 28, n. 48, p. 360-375, setembro/2016
<i>OLIVEIRA, X, F; GODOI, M, R; SANTOS, L, N.</i> A OPINIÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA NA ESCOLA. Pensar a Prática , Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014
SABATEL, G, M, G; ALVES, S, S; FRANCISCO, M, V; LIMA, M, R, C. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM BALANÇO DA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS NO PERÍODO DE 2004 A 2014 NAS BASES DO <i>LILACS</i> E <i>SCIELO</i> . Pensar a Prática , Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016
SILVA, A, M; DAOLIO, J. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. Movimento , Porto Alegre, v.13, n. 01, p.13-37, janeiro/abril de 2007.
WENETZ, I; STIGGER, M, P; MEYWER, E, D. As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. RevBrasEducFís Esporte , São Paulo, 2013 Jan-Mar;27(1):117-28
<i>VIEIRA, R, M; ALTMANN, HELENA.</i> O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS DE UMA EDUCAÇÃO DO CORPO E DE GÊNERO. Pensar a Prática , Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016

Fonte: Elaborado pelo autor.

6. ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS

O processo de Análise dos dados, na perspectiva de Mendes, Silveira e Galvão (2008), se encontra no quarto e quinto pontos de uma Revisão Integrativa, ou seja: a avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa e interpretação dos resultados. Esse momento da pesquisa tem o objetivo de dividir as informações dos artigos e buscar justificativas para os dados apresentados.

Como foi visto na Coleta de dados, foram encontrados um total de onze (11) artigos que estavam aptos para participarem da pesquisa. O período escolhido para ser investigado foram os últimos dez anos de publicação, variando entre os anos de 2007 e 2017, porém foi facilmente notado que a grande maioria das publicações se concentraram no ano de 2016, foram cinco (5) artigos publicados neste ano, enquanto os demais variaram entre zero (0) e dois (2).

Tabela 4 – Quantidade de publicações por ano:

Ano	Quantidade de publicações
2007	1
2008	1
2009	0
2010	0
2011	0
2012	0
2013	1
2014	2
2015	1
2016	5
2017	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

6.1 Ano de publicação

Apesar de ser um número razoável de artigos, quando é comparado com o total de publicações, dois mil seiscentos e setenta e três (2,673), chega a ser uma quantidade quase insignificante, de forma a revelar ser apenas 0,41% do que foi publicado nos últimos dez (10) em quatro das cinco revistas, pois houve uma das revistas que não conteve nenhuma publicação, a Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Identificar a baixa quantidade de artigos que envolvem gênero, sexualidade e educação física escolar no acervo disponibilizado pelas plataformas, é ir de encontro a representatividade e importância que esse eixo temático tem no cenário científico nacional. Este dado revela que apesar de ser uma área que a educação física tem propriedade de ação, como apresentado anteriormente no referencial teórico, ainda assim não há uma quantidade significativa de trabalhos que busquem identificar como acontece o cruzamento desses temas na escola, o que pode dificultar a disseminação de conhecimento para os profissionais da área.

Apesar do ano de 2016 ter apresentado o maior número de publicações desta área, não foi possível identificar, ainda, a manutenção desse número no ano de 2017, onde não houve nenhum registro de publicação no primeiro semestre.

Não foi possível encontrar uma possível justificativa que explicasse o porquê de não haver publicações durante o período de: 2009, 2010, 2011 e 2012. Inclusive é bom ressaltar quefoinesse recorte de tempo que houve um momento de grande visibilidade da comunidade LGBTQ que foi a produção do material “Escola sem Homofobia”(MELLO, FREITAS, PEDROSA BRITO, 2012), vulgarmente chamado de “kit gay”. Apesar de ter sido uma época onde houve grandes repercussões em revistas, jornais, televisão e mídias digitais sobre a sexualidade e o gênero, com foco na homossexualidade, nos ambientes escolares, não houve movimentação, por parte dos estudiosos da educação física escolar, para compreender e trabalhar com este fenômeno.

6.2 Titulação e origem do autor do trabalho

Quanto à origem dos autores dos trabalhos, foi revelado que todas as publicações tiveram como autor principal pesquisadores formados em educação física, ou seja, pessoas com formação específica na área correspondente da temática, em sua grande maioria doutores. Nove (9) dos onze (11) artigos tiveram como autores ou coautores graduados em educação física com pós-graduação em nível de doutor.

[...]o sistema de cursos pós-graduados hoje se impõe e se difunde em todos os países, como a conseqüência natural do extraordinário progresso do saber em todos os setores, tornando impossível proporcionar treinamento completo e adequado para muitas carreiras nos limites dos cursos de graduação. Na verdade, em face do acúmulo de conhecimentos em cada ramo das ciências e da crescente especialização das técnicas, o estudante moderno somente poderá obter, ao nível da graduação, os conhecimentos básicos de sua ciência e de sua profissão.” (BRASIL, MEC, CFE, 1965, p.69)

Esse dado pode revelar que existe um certo refinamento acadêmico nos indivíduos que produziram os artigos que participam dessa revisão o que pode resultar em uma melhor qualidade nos estudos devido à experiência acadêmica.

A pós-graduação torna-se, assim, na universidade moderna, cúpula dos estudos, sistema especial de cursos exigido pelas condições da pesquisa científica e pelas necessidades do treinamento avançado. O seu objetivo imediato é, sem dúvida, proporcionar ao estudante aprofundamento do saber que lhe permita alcançar elevado padrão de competência científica ou técnico-profissional, impossível de adquirir no âmbito da graduação. Mas, além destes interesses práticos imediatos, a pós-graduação tem por fim oferecer, dentro da universidade, o ambiente e os recursos adequados para que se realize a livre investigação científica e onde possa afirmar-se a gratuidade criadora das mais altas formas da cultura universitária” (BRASIL, MEC, CFE, 1965, p.69)

Outra possível interpretação que pode vir a somar a esse dado, é que por haver um predomínio de pesquisadores com nível de doutorado como autores dos artigos participantes dessa revisão, podemos supor que existe uma acessibilidade para pesquisas com essa temática nas pós-graduações do Brasil. Pois por mais que não seja um grande montante de pesquisas, ainda assim é um número a ser considerado.

6.3 Caráter da pesquisa

No que condiz ao caráter da pesquisa foi facilmente perceptível que a perspectiva qualitativa esteve presente em todos os trabalhos, ou seja, todos os artigos que participam dessa revisão possuem um viés voltado para interpretar os dados através de uma ótica qualitativa.

Autores das ciências sociais como, Minayo (2001) defendem que a pesquisa com caráter qualitativo possui uma forte veemência de possibilidades para compreender os

fenômenos sociais por culpa das ferramentas que, ainda que não sejam totalmente satisfatórias, conseguem aproximar o estudo da característica humana da sociedade.

[...]é necessário afirmar que o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo. A realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de a conter. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.” (MINAYO, 2001, p 15)

Quanto ao tipo de metodologia utilizada, foi possível encontrar e diferenciar cinco tipologias de estudos: Observatório, Etnográfico, Estudo de Campo, Exploratório e Revisão.

Tabela 5 - Metodologia utilizada nos artigos:

Tipo de metodologia utilizada na pesquisa	Quantidade de artigos que usaram
Observação	4
Etnográfico	2
Estudo de Campo	1
Exploratório	3
Revisão	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

6.4 População e Público Alvo

A população e o público alvo dos estudos, em sua grande maioria, tiveram como foco as populações escolares, de forma a realizar as pesquisas com alunos e professores de escolas regulares. O que pode pressupor um retorno mais palpável para a realidade escolar por serem

realizados diretamente no local de inserção do público, porém não foram encontrados artigos que realizassem algum tipo de intervenção prática ou uma proposta de atuação que realize o entrecruzamento das temáticas: Gênero, Sexualidade e Educação Física escolar, de forma a revelar que, apesar de serem o público alvo, ainda não foram identificadas ferramentas para atuar e intervir com essa população nesse tema.

Quanto ao público de estudantes não houve uma uniformidade no caráter de inclusão para escolher quais indivíduos entrariam nos estudos, pois trataram com idades escolares distintas, sendo fundamental (WENETZ, STIGGER e MEYWER, 2013; JAEGER, 2016) e pré-escola (SILVA e DAOLIO, 2007; ALTMANN, MARIANA, UCHOA 2012; LEITE, FEIJÓ e CHIES, 2016; VIEIRA e ALTMANN, 2016), e possuem, também, diferentes fins e objetivos para seus estudos. Todas as pesquisas que trataram com estudantes foram de observação e buscaram realizar interpretações dos significados que as crianças e os jovens dão as identidades de gênero e sexuais.

Os estudos que trabalharam com o público alvo sendo professores, não tiveram critérios de inclusão e exclusão bem definidos para serem participantes da pesquisa, mas, assim como os que trabalharam com estudantes, tiveram características bem distintas. Houve dois núcleos de professores estudados, os da educação física (AQUINO, et al, 2008; MACHADO e PIRES, 2016; OLIVEIRA, GODOI e SANTOS, 2014) e os de outras áreas (FRANCO, 2016), porém todos trabalharam com a interpretação e análise da figura do aluno que foge da norma convencionada para as condutas de gênero.

6.5 O que é discutido na pesquisa?

Apesar de serem estudos diferentes que possuem populações e objetivos distintos a serem analisados, os artigos possuem uma linha da comunicação entre si, de forma a parecer que todas as pesquisas desta revisão buscaram identificar as falhas no critério de tratamento e sociabilidade dos conceitos de gênero e sexualidade na escola, além de, alguns, também buscarem identificar como ocorre a inclusão de indivíduos homossexuais na escola. Um dos artigos fez um estudo sobre as lembranças das experiências escolares de travestis e transexuais no período escolar.

Os artigos que compõem esse estudo possuem uma base teórica relativamente aproximada e discutem o gênero e a sexualidade a partir de uma visão de construto social, ou seja, uma perspectiva de construção dessas identidades sociais e não determinista ou inatista,

por fatores puramente biológicos. Essa perspectiva corrobora com a de autores como Louro (1997), Weeks (2000), Goellner (2003) que defendem que o gênero e a sexualidade não devem ser analisados apenas sob o ponto de vista da norma instaurada na sociedade e sim considerar as construções e outras formas de expressar essas identidades, mesmo que vá de encontro com o padrão concebido.

Analisado o contexto geral dos onze (11) artigos que participaram desta pesquisa, e desconsiderando um dos estudos que foi uma revisão bibliográfica, todos discutiram a relação direta do gênero e da sexualidade na educação física escolar e não utilizaram a temática como eixo transversal para outro estudo.

Os estudos que trabalharam com as idades pré-escolares (SILVA e DAOLIO, 2007; ALTMANN, MARIANA, UCHOA 2012; LEITE, FEIJÓ e CHIES, 2016; VIEIRA e ALTMANN, 2016) discutiram o papel da leitura e interpretação das brincadeiras infantis. Os quatro estudos buscaram interpretar as relações do brincar da criança e, principalmente, da interpretação desse ato lúdico quando colocado em questão a influência dos fatores de gênero nesse comportamento, em uma tentativa de compreender se existe uma relação, mesmo que indireta, entre o ato descrito acima e os traços das expressões das identidades de gênero e sexuais das crianças. Pois ao interpretar se existe ou não alguma relação é possível confrontar essa informação com a norma vigente da sociedade para revelar se está de acordo ou não.

Quando questionados sobre a influência da escola na construção do repertório social da criança e do adolescente, autores como Wenzel, Stiggere e Meywer, (2013) e Jaeger (2016) revelam, no seu estudo com jovens do ensino fundamental, que por mais que ainda seja maleável as relações estereotipadas de poder frente ao gênero e a sexualidade já estão presentes e em vigência dentro do ambiente escolar, inclusive no tempo livre ou intervalo. As crianças já possuem os espaços delimitados para brincar, as brincadeiras e jogos, e até com quem se relacionar de acordo com uma rede de apropriação do significado do gênero e da sexualidade concebida para cada um dos pontos citados: a brincadeira, o jogo, o ambiente e as outras crianças.

Quanto ao papel dos professores, podemos conceber duas ideias distintas para a interpretação da discussão sobre a visão dos professores: Os que são realmente da educação física, onde entra em discussão a sua atuação nessa temática e os que não são da área, onde já inicia uma discussão sobre as lembranças e vivências sobre os períodos escolares.

No que diz respeito à visão dos professores foi possível observar e analisar onde está a relação entre os saberes acadêmicos e a prática profissional quando entra em questão as temáticas relacionadas ao gênero e a sexualidade, seja diretamente com a comunidade LGBTQ ou com alunos e alunas que não estão de acordo com o consenso dos conceitos estabelecidos sobre o que é de “menino” e o que é de “menina”. (AQUINO, et al, 2008; MACHADO e PIRES, 2016; OLIVEIRA, GODOI e SANTOS, 2014.).

O estudo de Franco (2016) também trabalhou com a população docente, sendo que o trabalho foi realizado com professoras transexuais e travestis de todo o território nacional, de forma a realizar um mapeamento de como era dado as relações com a transexualidade na escola segundo as lembranças e memórias que foram ofertadas pelas entrevistadas.

A revisão de literatura teve um caráter similar ao deste estudo, pois buscou realizar uma análise e interpretação dos dados existentes sobre gênero e sexualidade na educação física escolar hospedados nas plataformas digitais Lilacs e Scielo, com o objetivo de compreender os principais resultados obtidos nas pesquisas. (SABATEL, G, M, G; ALVES, S, S; FRANCISCO, M, V; LIMA, M, R, C, 2016).

Desse modo, apesar de tratarem sob a mesma perspectiva pontos de vistas distintos, foi possível identificar e analisar elementos de proximidades entre os fenômenos apresentados. Como dito anteriormente, os artigos seguiram uma linha de estudo sobre gênero e a sexualidade, que segundo Scott (1995) ultrapassam os conceitos que buscam interpretar e analisar esses fenômenos a partir de um ponto de vista puramente biológico e permitem um aporte maior de informações para o reconhecimento da construção em cima dos significados socialmente instaurados para cada um dos termos, e como eles estão dispostos e empregados na sociedade. Orientados por essa perspectiva, os trabalhos abordam o grau de representatividade, dificuldade e a própria realidade das relações com as temáticas LGBTQs dentro do ambiente escolar, com os objetivos de compreender como está sendo realizado, ou se não está, as interpretações dos conhecimentos sobre a questão do gênero e a sexualidade nas relações entre escola, indivíduo e comunidade.

6.6 Principais resultados e discussões

Mesmo com as especificidades entre os objetivos de cada estudo, que torna cada pesquisa singular a níveis de resultados, ainda assim os resultados e as discussões que as pesquisas geraram não foram muito equidistantes e, em suas grandes maiorias, tiveram

resoluções similares e conclusões parecidas. Independente do ano de publicação, das titulações e origem dos autores, caráter metodológico da pesquisa, público alvo e as discussões mais pertinentes, os principais resultados obtidos ressaltam que em suma, a estrutura escolar não tem recebido de forma adequada as questões de gênero e sexualidade e os professores de educação física que nela atuam possuem um receio, às vezes preconceito, para tratar com o trato dessa temática.

Todos os artigos ressaltam a escassez de base teórica e estudos científicos na área de gênero e sexualidade nas competências da educação física escolar, o que resulta em um fraco portfólio de conhecimentos palpáveis e acessíveis para os professores atuantes na área e, principalmente, para alunos da graduação que por suas vezes chegam às escolas e campos de atuação sem compreender de forma concreta o que é essa temática e acabam, por muitas vezes, fortalecendo as normas preestabelecidas discutidas por Louro (1997).

Houve conclusões bem críticas ao sistema de ensino superior e à forma como são ministradas contingências que coíbem o conhecimento acerca do gênero e da sexualidade simplesmente por não haver atualização dos métodos e autores, para versões mais contemporâneas que buscam leituras mais plurais e menos deterministas do ser humano (AQUINO, et al, 2008; MACHADO e PIRES, 2016; OLIVEIRA, GODOI e SANTOS, 2014.). Como ressaltado em Franco (2016) o sistema de ensino é mantido por uma rede de manutenção de poder que menospreza e marginaliza aqueles que não estão contidos nesse padrão, que por muitas vezes são pessoas: negras, pobres, homossexuais, transexuais, travestis, transgêneros, deficientes e outras parcelas da população que não estão inseridos na norma.

De modo geral os resultados dos artigos podem ser entrecruzados e direcionados para uma exclamação final: novos estudos que busquem identificar formas de coibir o preconceito, e os mecanismos de fortalecimento dele, dentro da escola.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi com uma sensação de estar contribuindo para a sociedade, além dos espaços acadêmicos que realizei esta pesquisa, com muito prazer. Muitas sensações emergiram a partir desta monografia, algumas de confiança de estar no caminho certo para contribuição com o mundo e também de um certo aperto no peito ao me dar conta da triste realidade, ainda não solucionada, em que se encontram aqueles que todos os dias sofrem por conta dos preconceitos sociais que afastam os debates a respeito do gênero e da sexualidade na escola.

O intuito desse estudo foi identificar e realizar uma amostragem de como aconteceu o entrecruzamento dos eixos temáticos da educação física escolar, do gênero e sexualidade nos últimos dez anos de publicação em cinco revistas nacionais. O motivo que me instigou a procurar esse tema tem a ver com a própria escassez desta relação que vivenciei na idade escolar, de forma a considerar que há dez anos atrás eu ainda estava no ensino fundamental.

Essa pesquisa torna-se importante por buscar realizar uma leitura desse entrecruzamento afim de revelar os principais detalhes e resultados dos artigos que os outros estudos revelaram, de forma a contribuir com a continuidade de trabalhos que busquem ampliar os horizontes para qual o gênero e a sexualidade são trabalhados na escola. Apesar de muitos dos resultados não trazerem uma forma assertiva de tratar com essa temática na escola, permanecendo, assim, em um campo teórico de observação e interpretação, ainda assim a riqueza de informações que cada uma dessas pesquisas traz quando revela suas intenções, metodologias e conclusões, além dos resultados, podendo servir de base para que profissionais que atuam diretamente na área repensem suas intervenções e planejamentos, podendo estimular outros pesquisadores e buscarem outras formas de estudos para essa temática.

Os resultados obtidos a partir desse estudo vão desde o fluxo de publicação que aconteceu em cada ano, que possibilita determinar os momentos com mais ou menos publicações; perpassa, também, a origem de cada autor, discutindo que os principais autores realmente eram da Educação Física ou de outras áreas acadêmicas e podem até colaborar com a determinação de populações de mais fácil acesso as intervenções em outras oportunidades de estudos ou até para o dia a dia escolar; além de também ajudar na investigação de público mais sensível, área e locais onde possam haver atendimentos e, inclusive, espaços com maior ocorrência de problemas. Também foi possível identificar as principais metodologias utilizadas para as coletas de informações que foram utilizadas nos respectivos artigos e,

também, os principais resultados obtidos através das conclusões de cada um dos trabalhos que pode vir a facilitar o acesso aos últimos dez anos de descobertas sobre o Gênero e a Sexualidade na Educação Física escolar.

Acredito que para uma melhoria efetiva nas relações escolares, de forma a proporcionar oportunidades de atendimentos e acesso com equidades justas para as populações que sofrem direta ou indiretamente com a ausência ou carência de trabalhos efetivos acerca dos fenômenos gênero e sexualidade no ambiente escolar, devem ser produzidos novos estudos que busquem uma efetiva intervenção de uma proposta pedagógica que vise a inclusão de todas as identidades e expressões sociais que este fenômeno abrange, para que com isso possa haver algum tipo de formato inicial para orientar a realidade das escolas brasileiras sobre esta temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. ORIENTAÇÃO SEXUAL NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Estudos feministas*, ANO 9, 576, 2º SEMESTRE 2001.

ALTMANN, HELENA; MARIANO, M; UCHOGA, L, A, R. CORPO E MOVIMENTO: PRODUZINDO DIFERENÇAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 272550, abr./jun. 2012

AQUINO, J, M; BARUK, V, L; RIBAS, M, R; NOAL, M, L. homoafetividade nas aulas de educação Física: e agora? *Motrivivência*, Ano xx, Nº 30, P. 61-75 Jun./2008.

BRASIL, MEC, CFE, "Definição dos cursos de pós-graduação". Documenta,1965, pp.67-86 (Parecer n. 977/65).

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

CHEREGUINI, P, A, C. **Atividade física para populações especiais**. Batatais, São Paulo: Clarentiano, 2016. 145p.

FRANCO, Neil. A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO TERRITÓRIO DE DEMARCAÇÃO DOS GÊNEROS POSSÍVEIS: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, V. 28, n° 47, maio/2016.

FRANCO, Neil. A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO TERRITÓRIO DE DEMARCAÇÃO DOS GÊNEROS POSSÍVEIS: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência**, V. 28, n° 47, maio/2016.

JAEGER, A, A; *BULLYING* E AS RELAÇÕES DE GÊNERO PRESENTES NA ESCOLA. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4., p. 349-361, abr./jun. de 2015.

LEITE, L, G; FEIJÓ, J, P; CHIÉS, P, V. QUAL O GÊNERO DO *BRINCAR*? Aprendendo a ser “menino” ... Aprendendo a ser “menina”. **Motrivivência** v. 28, n. 47, p. 210-225, maio/2016.

LEITE, L, G; FEIJÓ, J, P; CHIÉS, P, V. QUAL O GÊNERO DO *BRINCAR*? Aprendendo a ser “menino” ... Aprendendo a ser “menina”. **Motrivivência** v. 28, n. 47, p. 210-225, maio/2016.

LOURO, G, L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 179p.

LOURO, G, L; WEEKS, J; BRITZMAN, D; BELL, H; PARKER, R; BUTLER, J. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, A, G; PIRES, R, G. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de educação física. **Motrivivência** v. 28, n. 48, p. 360-375, setembro/2016.

MACHADO, A, G; PIRES, R, G. Identidade de gênero e suas implicações sobre a sexualidade na perspectiva de professores de educação física. **Motrivivência** v. 28, n. 48, p. 360-375, setembro/2016.

MEC tira termo 'orientação sexual' da versão final da base curricular. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/mec-tira-termo-orientacao-sexual-da-versao-final-da-base-curricular.ghtml>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

MELLO, L; FREITAS, F; PEDROSA, C; BRITO, W. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população LGBT no Brasil. **Bagoas**, Rio Grande do Norte, n. 07 | 2012 | p. 99-122

MENDES K, D, S; SILVEIRA, R, C, C, P; GALVÃO, C, M. REVISÃO INTEGRATIVA: MÉTODO DE PESQUISA PARA A INCORPORAÇÃO DE EVIDÊNCIAS NA SAÚDE E NA ENFERMAGEM. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 758-64. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: **Voices**, 2001.

OLIVEIRA, X, F; GODOI, M, R; SANTOS, L, N. A OPINIÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA NA ESCOLA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014

ROMAN, A, G; FRIENDLANDER, M, R. REVISÃO INTEGRATIVA DE PESQUISA APLICADA À ENFERMAGEM. **Cogitare Enferm**, Curitiba, v.3, n.2, p.109-112, jul./dez. 1998.

SABATEL, G, M, G; ALVES, S, S; FRANCISCO, M, V; LIMA, M, R, C. GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM BALANÇO DA PRODUÇÃO DE ARTIGOS CIENTÍFICOS NO PERÍODO DE 2004 A 2014 NAS BASES DO *LILACS* E *SCIELO*. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016

SILVA, A, M; DAOLIO, J. Análise etnográfica das relações de gênero em brincadeiras realizadas por um grupo de crianças de pré-escola: contribuições para uma pesquisa em busca dos significados. **Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.13-37, janeiro/abril de 2007.

VIEIRA, R, M; ALTMANN, HELENA. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ASPECTOS DE UMA EDUCAÇÃO DO CORPO E DE GÊNERO. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016

WENETZ, I; STIGGER, M, P; MEYWER, E, D.As (des)construções de gênero e sexualidade no recreio escolar. **RevBrasEducFís Esporte**, São Paulo, 2013 Jan-Mar;27(1):117-28.